
Relato

Meses sem *Tertuliarium*

Months without *Tertuliarium*

Meses sin *Tertuliarium*

Kátia Arakaki*

* Psicóloga. Voluntária do Intercâmbio Conscienciológico Internacional (Intercons).

karakaki@ig.com.br

Texto recebido em: 11.01.2014.

Aprovado para publicação em: 27.01.2014.

INTRODUÇÃO

Em 2013, passei quase nove meses sem frequentar o *Tertuliarium*. Precisei priorizar três realizações demandantes: acabativa da digitação das tertúlias manuscritas, finalização de máster internacional em Gerontologia e estruturação da nova organização dos intercâmbios conscienciológicos para o exterior com foco na África, além de manter a rotina do trabalho profissional e outras frentes do voluntariado. Pensei que levaria menos tempo para terminar essas atividades, porém tive problema digestivo, e precisei estender o prazo da dissertação.

Após mais de dez anos acompanhando as tertúlias diariamente, com breves ausências de viagem semanal por ano ou resfriados, quando repassei a função, resolvi colocar em dia as tarefas pendentes, as quais exigiriam horas de trabalho e bastante energia para serem concretizadas. E prometi a mim mesma voltar a frequentar o *Tertuliarium* somente quando tivesse acabado tais tarefas. Nesse momento, surgiu o seguinte questionamento: o que aconteceria se eu passasse temporada sem ter contato com tal holopensene? Qual o grau de autonomia havia desenvolvido para, de uma hora para outra, cortar o contato cotidiano com as energias do *Tertuliarium* e manter-me em ritmo produtivo? E esse foi o principal assunto pesquisado.

Apesar de não ser mais vista regularmente no *Tertuliarium*, nesse período participei de diversas atividades na Cognópolis, a saber: palestra sobre África, três turmas de *Acoplamentarium* (temas: pré-IC da Omniconviviologia, Parapolítica e Antibagulhismo Energético), Simpósio da Conscius, Fórum de Paradireitologia, Comemoração dos Dez Anos da OIC, entrevista na Comunicons, dentre outros.

Essa foi uma das primeiras percepções que tive. As pessoas começaram a reclamar da minha ausência no *Tertuliarium*, como se eu tivesse sumido da Cognópolis, no entanto, estive presente em outros contextos cognopolitanos, mas parecia que isso não era visto. Era totalmente compreensível esse comportamento porque as pessoas estavam habituadas a me ver diariamente nas tertúlias e, de repente, eu não estava mais lá, e muitas não sabiam ou nunca souberam que eu fazia parte da equipe do *Tertuliarium* e havia saído da função devido à nova responsabilidade assumida dos intercâmbios internacionais, ou seja, eu trabalhava nas tertúlias, por isso estava lá todos os dias.

Muita gente pensou que eu estava viajando o tempo todo, sendo que durante todo esse período, só fiz uma itinerância administrativa internacional e uma viagem nacional, ambas de uma semana. Houve quem pensou que eu havia mudado de continente, sendo que a sede dos intercâmbios é em Foz do Iguaçu, daí a importância de se morar aqui para desenvolver esse trabalho. É normal associarem o voluntariado dos intercâmbios com viagens e, quando a pessoa não está presente, as histórias aumentam de tamanho e, muitas vezes, não são esclarecidas, criando enredos fantasiosos. Isso faz parte da vida em comunidade. E a solução é a presença física do cognopolita em público para eliminar mal-entendidos que ficam no ar. Até a comunicação por e-mail de trabalho fica mais truncada quando não se tem contato.

Curioso foi ter ficado os três meses iniciais sem encontrar o professor Waldo Vieira e no dia que isso ocorreu, parecia que havia estado com ele no dia anterior. Isso demonstra que a energia supera o tempo-espaço. Outra constatação interessante foi o fato do professor não criar dependência nos assistidos. Durante todo esse período, não senti falta dele. Lembrei-me de outras épocas, quando eu era mais assediada, e sentia saudades das pessoas, das situações, dos locais, dentre outros fatores. Na assistência, quem cria dependentes é guia cego.

Outro aspecto percebido foi o fato das energias do *Tertuliarium* fazerem a amalgamação entre componentes de diferentes grupos do passado, semelhante a uma cola. Nessa fase sem frequentar o *Tertuliarium*, a tendência foi me relacionar mais com amigos e colegas de trabalho. As conexões com outrem foram diminuindo, principalmente com quem tenho pouca afinidade. No curso *Acoplamentarium*, surgiu a ideia que os voluntários veteranos da Conscienciologia (e vieram vários nomes) precisavam fazer a amalgamação dos intermissivistas recém-chegados com os demais.

Depois de algum tempo sem frequentar o *Tertuliarium*, a autopensividade sofre retração. A pessoa volta a pensar como abóbora e as expansões em termos de ideias ficam mais escassas. É como se a cabeça encolhesse. Outro ponto é que, se a pessoa não ficar atenta, se autoassedia com mais facilidade. O *Tertuliarium* funciona como posto de higienização do holopensene pessoal.

Interessante foi observar que, no *Tertuliarium*, ocorre a supressão de problemas através da assistência. Ao retornar, ficou nítido que muitos problemas individuais e grupais são resolvidos lá antes de ocorrerem intrafisicamente. É como se houvesse dissolução prévia dos conflitos. As energias do amparo funcionam como detergente desassediador e enxágue.

Outra constatação foi perceber nitidamente que o holopensene da Cognópolis é composto pelas energias do professor Waldo com os amparadores. Mesmo sem contato intrafísico, o cognopolita se sente dentro de bolha com tal padrão pensênico e isso gera conforto.

Outro aspecto identificado foi o fato das energias no *Tertuliarium* serem curativas. Quando eu tinha algum problema de saúde, logo melhorava quando frequentava o *Tertuliarium* diariamente. Quando adoeci no ano passado, levei meses para me recuperar.

Frequentar o *Tertuliarium* demanda auto-organização porque o participante investe tempo e energias. Por outro lado, a participação regular no *Tertuliarium* assemelha-se a estabilizador da rotina pessoal, funciona como posto de energias para o dia a dia tornar-se mais *smooth* e redondo. Durante tal temporada, quando encontrava os frequentadores do *Tertuliarium*, percebia-os energizados com o padrão energético de amparador.

Durante essa temporada sem frequentar o *Tertuliarium*, senti mais amparo. Também procurei estar atenta para não desperdiçar tempo, nem dispersar. Investi mais na produtividade pessoal. É como se, sem o *Tertuliarium*, ficasse sem referencial de conduta, então precisei tomar cuidado para não cair num padrão de Socin.

Quando retornei ao *Tertuliarium*, nos primeiros dias, parecia que havia passado por cirurgia energética lá dentro. Foram nítidos os efeitos das energias do ambiente no holossoma.

Ainda na primeira semana que voltei a frequentar o *Tertuliarium*, a impressão era de ter entrado em contato com a coletividade. Passei uma semana com sono alterado, sonhando com muita gente desconhecida e sem dormir direito, igual em véspera de dar aulas em cursos de imersão.

A temporada sem frequentar o *Tertuliarium* diferenciou o padrão pessoal e o padrão com acréscimos das energias dos amparadores. Frequentar regularmente o *Tertuliarium* traz *upgrade* do holopensene pessoal. É importante o participante diferenciar o que é dele e o que é derivado desse contato. Por outro lado, nesse período ficou evidenciado que tipos de interesses e atividades pessoais sustentam e incrementam o holopensene pessoal.

Frequentar o *Tertuliarium* tendo prioridades com prazo apertado deixa o participante dividido, não conseguindo aproveitar bem a situação. Próximo ao final da monografia, de vez em quando, aparecia no *Tertuliarium*, porém não conseguia usufruir ativamente porque estava preocupada com o que precisava finalizar. A pessoa está ali, mas não está inteira. É como ir à praia na véspera de prova, não dá para relaxar.

O período sem *Tertuliarium* foi importante para encaminhar projetos em andamento, mudar o boné no voluntariado, reorganizar-me, testar a autonomia pessoal em relação ao professor Waldo Vieira e ao grupo. Houve muita cobrança alheia em relação à ausência no *Tertuliarium*. A impressão é que, se você não estiver fazendo o que as outras pessoas estão fazendo, está errada. Foi exercício de falar “não”. Quando voltei ao *Tertuliarium*, parecia que nunca havia saído de lá. Não senti nenhum tipo de estranhamento. Estava mais satisfeita comigo mesma de ter “sobrevivido” e acertado pendências pessoais.

Mesmo sem frequentar o *Tertuliarium*, você pesca ocorrências da CCCI (Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional) pelo holopensene. Juntando variações holopensênicas com as ideias que brotam na mente, o cognopolita consegue captar assuntos em andamento na CCCI. Também se sente repercussão à distância de assuntos tratados nas minitertúlias que lhe dizem respeito.

A energia da mega-afetividade de amparador no *Tertuliarium* é nítida. Ao retornar, esse aspecto me chamou atenção. Existe afetividade no ar, contagiante, aos moldes de perfume que adentra as narinas. A pessoa se sente benquista e também sente mais afetividade em relação aos demais.

O *Tertuliarium*, com o professor Waldo Vieira e os amparadores extrafísicos, é como se fosse tratamento de saúde em doses acumulativas. Dá para perceber a melhora pessoal, de outrem e grupal dos frequentadores.

A partir das vivências de meses sem o *Tertuliarium*, fiz a seguinte autoprescrição para manter a autonomia produtiva com saúde: rotina menos sobrecarregada, mais cuidados somáticos e higiene mental.

As conclusões são que a distância nos ajuda a ter ângulos de observação diferentes (auto e hetero), e faz grande diferença na vida da conscin frequentar o *Tertuliarium*. No mais, o importante é a conexão holopensênica com ideias avançadas e consciências equilibradas a partir da interassistência. O restante é moldura. E assistência de amparador não cria dependência, pelo contrário é libertadora quando bem feita.